



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<b>Autor/edtor:</b> Heather Love	<b>Cód.:</b>
<b>TÍTULO:</b> Feeling Backward: Loss and the Politics of Queer History	<b>Data da ficha:</b>
<b>Editora:</b> Harvard University Press	
<b>Ano:</b> 2007	
<b>ISBN:</b> 9780674736405	
<b>Páginas:</b> 207	

### 1. Observações sobre o conteúdo:

#### 1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

A história das representações ocidentais está repleta de cadáveres de pessoas sexualmente desviantes. Olhar para trás e ter estes textos e imagens em conta pode ser doloroso. Vários críticos contemporâneos tendem a desvalorizar estas representações negras e negativas. Os primeiros estudos na área dos estudos gay e lésbicos não deram importância a relatos mais depressivos. Estes críticos respondiam à história de violência e estigmatização dos homossexuais afirmando a legitimidade da existência dos gays e das lésbicas. Mais recentemente, os académicos ligados aos estudos queer têm adotado uma abordagem diferente, interiorizando essa estigmatização para a poderem contrariar. A palavra “queer” é derogatória, ao contrário de termos positivos como gay e lésbica. Quando o termo “queer” foi adotado no final dos anos oitenta, escolheram-no por evocar toda uma história de opressão e abuso. Os primeiros críticos queer basearam-se no trabalho de grupos ativistas como o ACT UP, cujo discurso se centrava na estigmatização. Colocava-se a tônica nos danos causados pela opressão, por isso os estudiosos da área não se coíbiam de investigar os aspetos mais negros da representação queer.

Esta viragem para o lado negativo da sexualidade queer foi também instigada pelo trabalho de Michel Foucault, que na sua História da Sexualidade se debruçou sobre a noção de “inversão” discursiva. Aí Foucault diz-nos que ao mesmo tempo que o discurso produz poder também o torna vulnerável, uma vez que situações de subordinação podem converter-se em situações de vantagem. Quando passamos de uma descrição legal e religiosa da sodomia como pecado para o conceito médico de homossexualidade (final do século dezanove), começam a aparecer os primeiros movimentos

homofílos, que tentam legitimar e naturalizar a homossexualidade invertendo o discurso médico, usando a seu favor os termos desqualificados pela medicina.

A identidade homossexual não pode ser dissociada desta estratégia de inversão: por um lado, continua a ser entendida como uma forma de subjetividade danificada e por outro o discurso da liberdade gay constitui uma resposta a essa história de discriminação. Orgulho e visibilidade funcionam como antídotos para a vergonha, tentando invertê-la. A teoria queer assenta então neste paradoxo de uma identidade ao mesmo tempo abjeta e positiva. Isto tem implicações para a subjetividade do indivíduo, que ao mesmo tempo se sente estigmatizado e tem noção da dimensão romântica da sua posição excepcional.

Esta ideia de identidade danificada mantém-se em permanente tensão com a visão contrária, que afirma a necessidade de resistir à noção de dano e de afirmar a existência queer. Tal tensão manifesta-se, por exemplo, nas discussões sobre a questão do “progresso” sentido por gays e lésbicas nas últimas décadas. Apesar de muitos teóricos queer se posicionarem contra uma visão linear e triunfalista de história, a verdade é que, em geral, todos desejam que as pessoas queer tenham uma vida melhor. Os críticos queer acabam por ficar numa posição contraditória: não sabem se devem explorar a relação da homossexualidade com a perda ou dizer que esta não existe.

Neste livro, Love dedica-se a explorar o “lado negro” das representações queer, centrando-se especialmente sobre sentimentos de nostalgia, arrependimento, ressentimento, vergonha, desespero, passividade, escapismo, fatalismo e solidão.

Love recorre à história da mulher de Lot para enquadrar o seu projeto. Ao olhar para trás, desobedecendo a Deus e rejeitando o futuro por ele delineado, a mulher de Lot é destruída, tal como Sodoma e Gomorra, convertendo-se num monumento ao remorso eterno. *Feeling Backward* está repleto destas figuras que olham para trás: Orfeu volta-se para Eurídice, Ulisses para as sereias e o anjo da história de Walter Benjamin vira as costas ao futuro de modo a defrontar os destroços do passado.

A ideia de modernidade, ligada às noções de progresso, racionalidade e avanço tecnológico, é inseparável da ideia de retrocesso. A modernidade assenta na exclusão e na superação daqueles que atrasam o progresso. Para andar para a frente o mundo moderno teve de disciplinar aqueles que iam ficando para trás, impedindo-os de recuperar. Não só os homossexuais mas as mulheres, os criminosos, as pessoas de cor e os pobres são vistos como atrasados.

O próprio modernismo mantém uma relação ambígua com o passado. Ao mesmo tempo que tentavam inovar, os autores modernistas interessavam-se por culturas primitivas, pela tradição e pela questão da decadência e do declínio. Mantinha-se uma tensão entre o novo e o velho. Interessa a Love estudar aquilo a que chama o “modernismo retrógrado”: mostras de melancolia, imaturidade, esterilidade e perversidade na literatura modernista queer, autores que viram as costas ao futuro. Enquanto leitores queer, tendemos a olhar para o passado à procura de figuras isoladas que precisamos de salvar e ficamos sem saber o que fazer com certos textos que resistem a estes impulsos. Este tipo de abordagem olha para o passado de uma forma instrumental, não como um mundo com valor intrínseco mas como algo que pode sustentar o progresso do presente.

Uma vez que beneficiam de crescentes direitos e proteções, gays e lésbicas já não se veem como figuras trágicas e amaldiçoadas. Ditos “avanços” como o casamento gay e a crescente visibilidade dos homossexuais podem tornar invisível a sua história de opressão. Entrar no mainstream pode implicar romper os laços com aqueles que não conseguiram ambientar-se: as pessoas de cor, os polígamos, os doentes, os pobres, os transgénero, os gordos, os deficientes e os desempregados. Há uma aura negativa que paira não só sobre estas figuras mas também sobre aquelas que viveram na era anterior à emancipação dos homossexuais. Precisamos de os rejeitar, de certa forma, para nos definirmos como modernos. Dada a quantidade de oportunidades que gays e lésbicas têm hoje em dia, no intuito de normalizar a sua diferença podemos cair na tentação de esquecer estas pessoas e as humilhações que sofreram e continuam a sofrer.

### **1.2. Palavras-chave:**

Queer; Foucault; Inversão Discursiva; Subjectividade Danificada; Otimismo; Emoções Negativas; Progresso; Modernismo Retrógrado;

Grupo Intersexualidades

### **Para citar esta ficha de leitura:**

**João Paulo Guimarães** (2018), ficha de leitura do livro: Love, Heather. *Feeling Backward*. Cambridge: Harvard UP, 2008.